

CHIAVERINI, Tomás. **Rave:os bastidores da festa proibida**. Ediouro: São Paulo, 2009

Lázaro Gomes de SOUZA
Alfredo José Lopes COSTA



Figura 1: Capa do livro “Festa infinita: o entorpecente mundo das raves”.

A primeira impressão nem sempre é a que fica, e um livro, de fato, não pode ser julgado pela capa – ou pelo título -, que em primeiro momento traz a ideia de ser mais uma obra a tratar com sensacionalismo o universo das festas conhecidas como *raves* e um tema que abrange saúde pública, segurança e política: o uso de drogas em eventos culturais coletivos.

Jornalista, e também autor do romance “Averso” (Global-2011) e do livro-reportagem “Cama de Cimento” (Ediouro-2007), em “Festa Infinita - O entorpecente mundo das raves”, o jornalista Tomás Chiaverini nos traz uma abordagem de fácil entendimento, recheada de conteúdo informativo sobre o assunto, em que busca explicações didáticas sobre termos específicos, desde o surgimento das festas eletrônicas, em seu contexto nacional e internacional, à evolução desse estilo de música e de comportamento.

Além de relatar momentos históricos, é possível ainda, conhecer os principais incentivadores dessa cultura no cenário nacional: Rica Amaral, Dmitri Rugiero, André Meyer, Eduardo Torres, Alok, Swarup, entre outros. Trata-se de *DJs* ou produtores, a maioria deles ainda atuante no universo da música eletrônica. Em uma viagem instigante e reveladora, Chiaverini nos conduz aos principais eventos de festas do gênero, como a

“Universo Paralello”, “Xxxperience”, “Boom”, “Trancedence”, “Respect”, “Fusion” e “Mega-Avonts”.

O autor revela detalhes de um (sub)mundo em que milhares de jovens de estilos totalmente diferentes convivem em uma mesma *vibe*¹ de confraternização e harmonia, onde parece existir espaço reservado para a diversidade. Jovens embalados por um sentimento de liberdade, em que o único compromisso existente é o descompromisso, uma busca por formas cada vez mais intensas de diversão, uma maneira alternativa de viver a vida e buscar novas vivências em que o compartilhamento ganha sentido valioso e a noção de coletividade se torna indispensável.

Alguns, como o DJ André Meyer, defendem que ao longo de todos esses anos as *raves* acabaram se tornando algo muito próximo de uma festa comum, onde ninguém mais sabe o que é espiritualidade. Não existe a preocupação em valorizar os conceitos de paz, amor, união e respeito (*PLUR*), a base da cultura *trance* psicodélica que teria origem em Goa, misturando ideais *hippies* e filosofia indiana, para promover festas em que há “a aproximação à natureza e o afastamento de modelos capitalistas de fazer a festa” (Domingos, 2009, p. 68 na versão digital).

Nesse contexto, Tomás nos traz informações relevantes, como a evolução do consumo e do tráfico do *ecstasy*, que no Brasil acompanhou o crescimento das *raves*, destacando que a presença da droga nessas festas de música eletrônica tornou-se tão importante, que virou quase uma necessidade nos eventos de música eletrônica. Existem aqueles que atribuem à energia positiva sentida na pista, à vibração de paz e amor, somente sendo possível por meio do uso dos “comprimidos coloridos”.

O autor ainda narra casos de jovens mortos em eventos do tipo, sendo na maioria relacionados ao abuso de drogas. Conduzidos pela imprensa de forma sensacionalista, servem de argumento para um número crescente de políticos, formadores de opinião e pais assustados que defendem a proibição das *raves*. Os organizadores tratam como fatalidades inerentes a qualquer evento nesse sentido. É fato que a imagem do universo *rave* diante da opinião pública não é das melhores.

Entretanto, Calado (2007, p. 24 na versão digital) revela que nas páginas da internet relacionadas a essas festas “algumas drogas são elogiadas e o seu consumo incentivado na medida em que podem contribuir para a ‘viagem’ e exponenciar a diversão”. É surpreendente que existam lugares no mundo, em que os *ravers* contam com equipe de psicólogos e psiquiatras preparados para ajudar aqueles que perdem o contato

com a realidade, em consequência do uso de drogas. Chiaverini descreveu até uma tenda num evento onde o usuário pode levar amostra da substância que pretende tomar para que seja analisada quanto ao seu grau de pureza.

Na segunda parte da obra, há fragmentos que tornam incoerentes alguns dos relatos do autor, principalmente no momento em que afirma que são raros os *ravers* que participam desses eventos sem ingerir alguma substância alteradora de consciência, concluindo que essa imensa quantidade de entorpecentes parece ajudar na manutenção da boa convivência. Nesse sentido, ele trata a energia das drogas como permissão para longos mergulhos num transe hipnótico e acelerado pelas pancadas eletrônicas, em vez de considerar uma consequência, podendo, inclusive, ser fatal.

O autor afirma que nesses festivais é raro encontrar *ravers* que estejam apenas em busca de uma intensa experiência com o *ecstasy* e música eletrônica. Como forma de promover os adeptos desse estilo de vida, os define como apolíticos, com um lado espiritual que independe de religiões, comumente envolvidos com questões ambientais.

Por fim, Tomás relata de forma minuciosa e detalhada a viagem alucinógena causada pelo uso de *ecstasy*, por ele mesmo, com o acréscimo de conteúdo informativo e inclusão de dados de consumo de usuários. Ele relata a experiência com um fascínio quase que contagiante, ressaltando sua preocupação com a apologia ao uso de drogas. Curiosos, entendedores ou não do assunto, boa “viagem”!

Referências

CALADO, Vasco Gil. **Trance Psicadélico, Drogas Sintéticas e Paraísos Artificiais. Representações: Uma Análise a partir do Ciberespaço.** In: Revista TOXICODPENDÊNCIAS, IDT, Volume 13, Número 1, 21-28, 2007. Disponível em <http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/25/2007_01_TXT3.pdf>. Acesso em 20.12.2014.

DOMINGOS, Darryl Emanuel Lampreia. **Trance psicadélico no Algarve: um estudo sobre as práticas culturais de um movimento marginal.** Dissertação de mestrado, Comunicação, Cultura e Artes (Estudos Culturais), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Portugal, 2011. Disponível em <<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/2075>>. Acesso em 20.12.2014.

ⁱ **Vibe** significa **vibração**, em português, e é um termo em inglês. Para conhecer mais sobre origem e uso da palavra, veja: Significado de Vibe, disponível em <<http://www.significados.com.br/vibe/>>. Acesso em 20.12.2014.